

**Sobre a problemática de pôr as emoções
como objeto de discurso¹**

(Sur la problématique de mettre les émotions dans le discours)

Marinalva Vieira BARBOSA*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)

RESUMO

Neste artigo, o objetivo será analisar alguns aspectos que constituem a problemática de pôr as emoções como objeto de discurso. Especificamente, focalizarei a questão da categorização do universo “pathémique²” e da circunscrição dos traços linguísticos das emoções (e os seus possíveis efeitos de sentidos), que, a meu ver, são questões essenciais para construir vias para tratar esse fenômeno humano como objeto de discurso. A base teórica deste estudo é derivada das concepções de sujeito e linguagem defendidas por Bakhtin (1976; 2003) e dos estudos desenvolvidos por Plantin (2003). Por essa perspectiva, as emoções nascem e ganham materialidade na linguagem pela pressão difusa exercida pelo grupo social médio em que o sujeito está inserido.

¹ Esta pesquisa foi financiada pela FAPESP - Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo.

* Sobre a autora ver página 74.

² Charaudeau (2000) define que os “effets pathémique du discours” são o resultado das estratégias discursivas dos interlocutores (nem sempre emocionais), visando à produção de efeitos emocionais.

PALAVRAS-CHAVE

Discurso. Emoção. Interação.

RÉSUMÉ

Dans cet article, l'objectif sera d'analyser quelques aspects qui constituent la problématique de mettre les émotions dans le discours. Spécifiquement, je focaliserai la question de la catégorisation de l'univers "pathémique" et de la circonscription des traces linguistiques des émotions (et leurs possibles effets de sens). Celles-là sont des questions essentielles pour construire des manières pour traiter ce phénomène humain comme objet de discours. La base théorique de cette étude est dérivée des conceptions de sujet et de langue défendus par Bakhtin (1929;2003) et des études développées par Plantin (2003). Par cette perspective, les émotions ne gagnent matérialité dans la langue par la pression diffuse exercée par le groupe social moyen dans lequel le sujet est inséré.

MOTS-CLÉS

Discours. Émotion. Interaction.

1 Introdução

As emoções podem ser objeto de discurso? Por vias teóricas diferentes, acompanho Charaudeau (2000) na resposta afirmativa para esta questão. Ainda o sigo na defesa de que essa resposta precisa ser cercada de um quadro teórico que descreva as condições em que as emoções podem aparecer como elemento de linguagem. Estudos como os desenvolvidos por Plantin (2003), visando construir formas de abordagens da emoção falada e da fala emocionada demonstram que a abordagem discursiva do tema ainda exige construções tanto do objeto como do campo teórico e metodológico de sustentação. Nos estudos da linguagem, ainda é difícil estabelecer a diferenciação entre “l’expression de l’émotion (les marques de l’affectivité dans le langage) et les effets pathèmes ou éléments susceptibles de créer l’émotion chez l’allocutaire” (AMOSSY, 2006, p. 197).

Esta pesquisa, desenvolvida para escrita da tese de doutorado, localiza-se na interface das duas dificuldades apontadas por Amossy, pois visa analisar o discurso de emoção nas interações em sala de aula,

o que exige saber, em primeiro lugar, o que será entendido por discurso de emoção, para, num segundo momento, apontar os seus efeitos de sentidos entre interlocutores. Neste artigo, tratarei da questão da categorização do universo “pathemico” e da circunscrição dos traços linguísticos das emoções (e os seus possíveis efeitos de sentido). A base teórica deste estudo é derivada das concepções de sujeito e de linguagem, defendidas por Bakhtin (1976, 2003), e dos estudos desenvolvidos por Plantin (2000, 2003, 2004). Para desenvolver as análises, tomo como base discursos produzidos por alunos e professores nas interações em sala de aula. O que defino como “discurso de emoção” é o resultado dos esforços empreendidos por ambos para se contraporem aos temas e posicionamentos de seus interlocutores imediatos nas interações. Antecipo que as análises não focarão a presença da alteridade no discurso, mas, sim, a própria inscrição do sujeito no discurso, por meio da enunciação das emoções, face ao diálogo com a alteridade. A seleção do *corpus* para estudo é baseada na concepção de paradigma indiciário proposta Ginzburg (1999), que permite, no trabalho com os atos de linguagem, conceber sujeitos cujo discurso não se perde ou se explica por meio da eleição de traços generalizantes de pertencimento a uma comunidade (neste caso, a comunidade de professor ou de aluno), mas também não são atos absolutamente singulares e, por isso, sem nenhuma relação com outros discursos. A definição do *corpus* indiciário depende da inter-relação entre pequenos acontecimentos: que não é a proposta inversa de acúmulo ou da repetição do insignificante para se chegar a uma verdade universalizada e inquestionável, mas para que se deduza mais do que é insignificante.

2 As discussões em torno da necessidade de categorizar o universo pathêmico

Nos domínios filosóficos e psicológicos, existe abundância de discussão sobre a relevância ou não de categorizar as emoções e, conseqüentemente, uma terminologia confusa resultante dessa

abundância. Cada disciplina e, em muitos casos, cada abordagem dentro de uma mesma disciplina, busca apresentar definições sobre as emoções, as paixões, os sentimentos e os afetos. Em sentido amplo, as emoções são classificadas como todas as sensações agradáveis e desagradáveis que marcam o corpo. Os sentimentos são definidos como a capacidade de sentir, apreciar tudo o que apresenta valor estético ou moral. Sobre a relação emoção e paixão, a diferenciação feita por Kant tem sido frequentemente considerada: aquela é rudimentar e age sem deixar muitas possibilidades de controle; já esta é intelectualizada, complexa porque envolve conhecimentos, desejos e imaginação. O sentimento por alguma coisa é a paixão materializada. No entanto, mesmo entre as tentativas de construir dois blocos amplos, não há consensos porque a linha que separa cada um desses fenômenos é tênue e dificulta o traçado de delimitações seguras (PARRET, 1997). As emoções, termo mais amplo, direta ou indiretamente englobam as paixões e os sentimentos.

Para Rimé (2005), esse problema pode ser explicado pela origem da palavra e pelo próprio uso que fazemos dela nos dias atuais. O termo, tal como o conhecemos, aparece no século XVII para designar manifestações coletivas, revoltas populares. Somente no século XIX o significado de sentimento moral, assim como o de excitação animal, começa a ser acrescido ao de movimento coletivo. O autor conclui que os diferentes usos que fazemos da palavra emoção não só atesta essa história, mas possibilita que a referida palavra englobe definições como loucura ou perturbação, provocadas tanto pelas sensações psíquicas como morais.

No interior dos estudos linguísticos, a busca de uma estruturação do universo pathêmico tem se traduzido no trabalho para construir um campo semântico e uma gramática das emoções. Porém, assim como na filosofia e na psicologia, as indeterminações persistem. Quando se observa tais discussões um pouco mais de perto, a conclusão é de que a grande maioria dos estudos não perdeu de vista a oposição entre razão e emoção. Livet (2002), ao se opor às categorizações clássicas, conclui que

en analysant des émotions interactives comme la honte, l'amour, la haine, nous observons qu'aucune de ces émotions ne se laisse réduire à une case de 'espace affectif de base, et qu'elles s'étendent sur tout une région : la honte a des traits du dégoût, mais aussi de la peur et de la colère (LIVET, 2002, p. 62).

Parte das dificuldades encontradas pelos que visaram classificar a emoção advém da oposição entre razão e emoção. As conceitualizações visam idealizar a racionalidade e excluir as emoções do âmbito da vida, governada pela lógica da moral. O *pathos* nunca é razoável, é sempre patológico. A idéia de uma lógica das emoções ou a possibilidade de que o afetivo esteja ligado ao desenvolvimento dos sujeitos é pouco considerada.

A negação da interdependência do duplo razão-emoção tem sérias consequências no âmbito de diferentes ciências. Para Plantin (2003), por exemplo, as definições psicológicas adotadas pelos linguistas determinam o que passa a ser denominado de emoção para os estudos da linguagem. Ainda segundo Plantin,

Au titre du 'sentiment linguistique', propriété inalienable du locuteur idéal, elles influencent profondément par exemple les recherches sur ce qu'il faut entendre par terme de émotion (PLANTIN, 2003, p. 99).

Além disso, segundo o autor, a adoção de uma definição ou outra traz limitações pouco produtivas à seleção dos discursos a serem analisados, pois cada conceito exclui o que é do domínio do outro. Por exemplo, o linguista que resolve assumir que está fazendo uma análise da inscrição dos sentimentos na linguagem não poderá perder de vista que o sentido do adjetivo sentimental, tal como entendido nos dias atuais, não é o mesmo que o da palavra sentimento dentro de uma ampla literatura sobre a questão.

As abordagens lexicais, morfossintáticas e semânticas são referências constantes para os estudos das afetividades na linguagem, porque propõem estruturar o léxico e a sintaxe relacionados a esse

fenômeno. Não raro, as abordagens discursivas e argumentativas recorrem a definições feitas naqueles domínios para construir a estrutura linguística do discurso de emoção. Porém, aqueles divergem entre si no que se refere às metodologias e, sobretudo, aos resultados a que chegam sobre o que seria a estrutura linguística das emoções. Apegadas às discussões clássicas desenvolvidas pela filosofia e pela psicologia, encontram dificuldades para definir como as emoções podem ser circunscritas nos domínios linguísticos. Prevaecem, ainda que indiretamente, as concepções de que o componente afetivo pode ser tratado como universal e/ou como parte facultativa ou adicional da linguagem. Consequentemente, hoje ainda não existe um quadro teórico que ofereça explicações satisfatórias sobre os diferentes fatores que influenciam a inscrição das afetividades na linguagem.

Engelmann (1978), por exemplo, ao fazer uma revisão sobre as variações semânticas das palavras e conceitos ligados ao campo das emoções, dos sentimentos, das paixões em idiomas como o francês, inglês, alemão, italiano e português, confirma a mistura de significações. A expectativa de clarear e precisar sentidos e conceitualizações para cada um dos termos não se concretizou por meio dos estudos que desenvolveu e o caráter vago e a inadequação, em muitos casos, persistiram. Nas palavras do autor: “Queríamos delimitar o universo e explicitar os usos do ou dos termos para rotular esse universo. Fomos frustrados com relação a essa expectativa” (ENGELMANN, 1978, p. 38). A imprecisão e as dificuldades para construir conceitos que definam afetos, emoções, sentimentos persiste, porque resulta do fato de que a fronteira entre as categorias são porosas. São muitos os termos para definir algo pouco conhecido e que se entrecruza a cada tentativa de delimitação.

Wierzbicka (1999) defende que o conceito de emoção é transcultural. As emoções humanas seriam diferentes no que se refere às suas expressões linguísticas e em função dos extratos sócio-culturais a que estão ligadas, porém a cognição humana e a experiência são consideradas universais. Utilizando termos como *desejo*, *ressentir*, *pensar*, *bom*, *mau* para construir cenários típicos, supõe que, uma vez descrita uma

situação, o que vai sentir um sujeito normal é tipicamente universalizado. Propõe uma metalinguagem semântica para as emoções que não depende de uma língua específica. O pressuposto é o de que estudando os traços desse fenômeno na língua inglesa, por exemplo, pode-se definir o que é ele em outras línguas. Suas descrições pressupõem que termos como *bom* e *mau* têm sempre sentido único para cada sujeito independentemente de qual o seu contexto de vivência.

O primeiro problema das conceitualizações de Wierzbicka está no fato de que se apóia em definições clássicas sobre o que sejam as emoções e, em segundo, porque são definições generalizantes, que ignoram as especificidades de cada língua e, dentro desse universo, ignora o que o sujeito pode fazer a partir do diálogo com sua própria cultura. O que é elidido é a diferença na forma de viver os acontecimentos e, como essa vivência é constitutiva das vivências e cognições interiores, o sujeito pressuposto nesses estudos é homogêneo. A autora abandona o fato óbvio de que há relação entre as atividades linguísticas e as atividades cognitivas; e o mais óbvio ainda, o de que essas duas atividades não se dão fora de contextos reais de uso. Sabemos que de uma língua a outra, os termos que apresentam proximidades estruturais sofrem alterações decorrentes das experiências afetivas dos sujeitos. Estas estão relacionadas a valores e tradições culturais e sociais. Esses traços específicos de constituição agregam valores e sentidos às palavras que, a partir daí, vão impondo modificações na forma de organização e no uso da estrutura da língua no plano interno e, conseqüentemente, no plano externo. Isso impossibilita a defesa de uma universalidade das emoções, baseada na independência da língua produtora, mesmo quando houver semelhanças na estrutura lexical.

Quanto à movimentação interna da língua, os estudos desenvolvidos por Anscombe (1992, 1995), centrados na análise do léxico, para definir quais termos pertencem ao campo subjetivo das emoções, apontam dificuldades para fazer delimitações dos adjetivos de afetos. Contrariamente ao que ocorre com os nomes, a classificação dos adjetivos não pode se basear na estrutura de funcionamento de

argumentos, porque não há relação biunívoca entre os nomes e os adjetivos e, quando em uso, destes com os predicados adjetivos. A derivação de substantivos para adjetivos é implodida pela dessimetria entre definições sobre o que seja uma *pessoa triste*, quando vinda de outrem, e *eu estou triste*, quando enunciada pelo sujeito experienciador. Anscombe (1992, 1995), para fazer uma categorização dos nomes e adjetivos de emoções, conclui que é necessário trabalhar com a categorização macro: endógenos para os nomes de sentimentos (internos) e exógeno para os nomes de emoção (externas).

Nesses casos, entretanto, ocorrem redirecionamentos de sentidos que também desestabilizam a distinção, pois certos nomes apresentam características próprias às duas categorias, como é o caso de *respeito*: respeito tem a estrutura argumental de um nome endógeno quando define o *respeito por alguém* e tem a estrutura de um nome exógeno quando define o *respeito diante da natureza*. Como as preocupações de Ascombe (1992; 1995) se voltam para a distribuição de um campo axiomático para as classes gramaticais de nomes e substantivos de emoção, trabalha com a lógica de que os sentidos afetivos estão colados a determinadas formas da língua. Isto é, estariam muito mais colados na língua que na enunciação. O problema surge porque tal perspectiva não se confirma tal e qual quando se considera os traços de significações de um léxico retirado de diferentes situações de uso. O caráter polissêmico dos termos de emoção desequilibra as classificações e as delimitações semânticas que poderiam levar a um mapeamento das diferentes emoções humanas. Obviamente, o desequilíbrio está presente na língua de modo geral, pois os sentidos não estão fixados ao léxico. O que ocorre, no caso da relação entre afetivo e língua, é que os signos linguísticos possuem certo potencial para indicar a presença de um investimento afetivo, mas o trabalho do sujeito com a linguagem é central para se compreender a construção desses sentidos.

Os estudos linguísticos contemporâneos sobre as afetividades retomam o problema sobre a relação das palavras e as coisas; ou melhor, entre as palavras e os atos humanos. A tentativa de construir

uma gramática dos sentimentos parte, geralmente, do pressuposto de que a palavra nomeia o sentimento tal e qual existe na mente e/ou no corpo do indivíduo. Daí a esperança não manifesta de que a definição de uma gramática das emoções poderia vir a possibilitar a apreensão e a definição do que sejam as afetividades. Ocorre que os estudos retóricos e discursivos já há muito tempo apontaram que a relação entre sentimento vivido e enunciado não é biunívoca, pois entre um processo e outro há o trabalho do sujeito com e sobre a linguagem. Não é possível colar as emoções vividas às enunciadas e a dissociação se dá exatamente no momento em que o sujeito reformula sua experiência. A opacidade criada pelo processo enunciativo não é considerada nos estudos com base na língua.

Um estudo linguístico discursivo precisa descentralizar a discussão em torno da conceitualização para dar conta de discutir a complexidade do surgimento desse fenômeno nas práticas cotidianas de linguagem. Precisa abrir mão das categorizações clássicas, assim como das suas rígidas listas de exigências sobre o que seja uma emoção, um afeto, uma paixão etc. O que o homem ordinário define como tristeza, por exemplo, pode apresentar traços do que seja emoção, do que seja afeto ou não, mas isso não permite a afirmação de que tal definição está completamente desligada do conceito de tristeza como resultado de acontecimentos como a partida de um ente querido. O ato de nomear conhecimentos culturais e sociais ganha acréscimos, por meio do trabalho com a linguagem. Com essa concepção, busco assinalar que, se por um lado, não é possível ignorar todo um campo já demarcado em torno do que seria o léxico e termos de emoção, por outro, as situações de interação, os objetivos do discurso e os interlocutores são essenciais para definir o que é um discurso de emoção.

3 Abrindo parêntese para análise de um caso

Para justificar o posicionamento assumido acima, desenvolverei a análise de uma pequena seqüência discursiva, resultante de uma situação

de interação entre professores e alunos, em que as palavras “surpresa” e “perplexidade” aparecem para definir a reação do locutor diante das ações dos seus interlocutores. Nas definições dicionarizadas, os termos “surpresa” e “perplexidade” são indicados como sinônimos. Isto é, qualificam o mesmo estado de emoção de uma pessoa diante de um acontecimento inesperado. Numa possível semântica das emoções, seriam sinonímias perfeitas. Por essa indiferenciação, o uso de um termo ou de outro seria simples paráfrase para melhor clarear os sentidos do discurso já que não há distinção entre as duas palavras no plano conceitual. No entanto, na sequência abaixo, situação em que o sujeito do discurso atribui-se uma emoção para responder aos seus interlocutores, podemos constatar que se, por um lado, essas palavras podem funcionar como sinônimos perfeitos, por outro, existem situações em que elas apresentam empregos específicos que mudam a sua significação, o que não permite tratá-las como termos que remetem ao mesmo estado afetivo. Vejamos:

A7SEF

- [...]
 01 A1 professo::ra/ hoje nosso grupo vai ver um
 02 filme pra aula de geografia
 03 P (...) não/ eu preciso admitir **que estou**
 04 **surpresa (.) não/ perplexa MESMO(.)** to::do
 05 dia: têm uma historia nova pra não ficar
 06 na aula de português (.) não dá pra
 07 negar que vocês são criativos
 08 A1 i::h p'ofessora\ foi a p'ofessora de
 09 geografia que passou o filme
 10 P eu sei:::/ mas vocês não podem ver o filme
 11 no'tro horário// (.) tem que ser sempre
 12 na minha aula// (.)
 13 A2 ((rindo)) é:h que a gente não tem tempo
 14 P e com a cara de pau também/ (.) L/ você
 15 sabe que essa historia me deixa mais
 16 irritada ainda/(.)você já pensou na confusão
 17 se eu resolvesse atender a falta de tempo de
 18 todo aluno que me pede//
 [...]

A enumeração pode ser vista como necessidade de clarear os sentidos do primeiro termo. No caso acima, tal enumeração é um importante indício de que a distinção remete à preocupação do locutor em precisar para o interlocutor a dimensão crescente dos seus sentimentos diante das ações deste. Ou seja, a necessidade de configurar o grau de força, de progressão do sentimento enunciado é o elemento que não permite apresentar os dois termos como sinônimos perfeitos. Trata-se de um discurso que segue o movimento imposto pelo grau de inventividade dos interlocutores, daí o enunciado irônico de que não dá pra negar que vocês são criativos. Surpresa e perplexa não foram enumerados por causa da preocupação em fazer o locutor compreender o que estava sendo nomeado, mas, sim, visando fazê-lo compreender a dimensão da força das suas (re)ações. Ou a dimensão da forma como elas estavam sendo recebidas. Tanto é assim que há simetria crescente entre estou surpresa (.) não/ perplexa MESMO e a afirmação seguinte: to::do dia: têm uma história nova pra não ficar na aula de português. A surpresa mudou para perplexidade na medida em que as estratégias dos interlocutores se renovaram para atingir sempre o mesmo objetivo: não assistir à aula de língua portuguesa.

Se considerarmos a vizinhança entre os termos linguísticos, o uso do “não” para negar a primeira definição e a contiguidade do intensificador “mesmo” corroboram com a hipótese de que o sentido de perplexa não é o mesmo que o de “surpresa”. Há um trabalho com a intenção de fazer os dois termos significarem de modos diferentes. Na linha 14, a qualificação direta dos sujeitos desse ato como cara de pau e o ato de fala seguinte - L/ você sabe que essa história me deixa mais irritada ainda/- explicam o enunciado de emoção inicial: trata-se principalmente de irritação diante das insistentes estratégias. A perplexidade descrita tem um acento avaliativo negativo. No entanto, como a diferenciação progressiva e o traço avaliativo apreciativo foram definidos pelos objetivos do discurso, e no interior mesmo da interação verbal, não criaram nenhum tipo de incongruência por causa da sinonímia existente entre os termos lexicais.

O que ocorre na construção do enunciado analisado é um típico trabalho do sujeito sobre a linguagem com o objetivo de provocar no interlocutor uma compreensão específica. Pensando numa possível correspondência do linguístico com os objetivos do discurso, o adequado seria pôr no lugar de “perplexo” o termo “espanto”, que estabeleceria força semântica maior para o discurso que a palavra “surpresa”. Entretanto, o termo “espanto”, nas práticas linguageiras cotidianas, pressupõe também o medo. No contexto das interações em sala de aula, não há o objetivo de dizer que as ações do aluno provocam medo ou susto; isso tocaria na representação sobre o modo de ser do professor. Dizer-se perplexa é retornar para o outro uma avaliação negativa, que a palavra surpresa também não comporta, mas que não compromete a posição do enunciador. O trabalho sobre a língua visando à construção de si e de sentidos afetivos gera certa novidade que impede classificações rígidas sobre o léxico das afetividades. Embora os termos *surpresa* e *perplexa* pertençam ao campo semântico mais amplo das emoções, são os usos que orientam os traços específicos das significações no interior de um determinado discurso.

4 Fechando parêntese para retomar a discussão sobre a circunscrição da face linguística das emoções

Esses impasses, criados pelas especificidades da inscrição das emoções na linguagem, levam Eggs (2000), ao salientar a relevância e atualidade da Retórica das Paixões, a defender que todas as emoções, atitudes, os bons e maus hábitos, as manifestações feias e belas são lexicalizadas e gramaticalizadas em uma multiplicidade de palavras, torneios e construções enunciativas que surgem por meio de uma determinada forma de organização do discurso de emoção. Plantin (2003) complementa essa concepção ao defender que há uma estruturação do emotivo na língua cuja materialização é possível de ser identificada nas formas de organização do discurso. Focalizar a organização linguística e o funcionamento discursivo das emoções não responde à necessidade

de identificar as experiências subjetivas dos sujeitos objetivadas no léxico ou nos enunciados de caráter afetivo. O objetivo precisa ser o de considerar os termos linguísticos arregimentados como estratégias para melhor construir um projeto de dizer de ordem emotiva.

Para analisar o discurso de emoção focalizando sua estruturação, Plantin (2003) propõe, com base na consideração de elementos lexicais, uma estrutura sintática para o que denomina “enunciados de emoção”. Este recebe a seguinte definição:

l'émotion attribue une émotion à une personne et, dans certains cas, mentionne la source de l'émotion. Ce modèle est linguistiquement fondamentale, dans la mesure où la relation d'émotion (source-lieu-émotion) correspond à la structure sémantique de une famille d'énonces élémentaires (PLANTIN, 2003, p. 108).

Pela conceitualização apresentada, a declaração “eu estou triste porque minha amiga partiu” pode ser caracterizada como enunciado de emoção porque apresenta um sujeito que enuncia a sua tristeza (lugar psicológico marcado por um substantivo subjetivo) e localiza a fonte dessa emoção (a partida da amiga). Os três elementos identificadores são: quem fala (se é o sujeito ou não das emoções), o que fala e porque fala.

Em cada enunciado, é possível localizar um “termo direto de emoção” que, segundo o autor, estrutura-se em torno de um sentimento nomeado e um verbo. Consideramos o enunciado Eu vou perder a paciência com você logo no começo da aula. Neste, o que permite caracterizar o enunciado de emoção é o termo Perder a paciência, que se sustenta na declaração de um estado subjetivo afetivo. Pra o autor, não só os termos de nomeação principais, mas também os seus derivados morfolexicais (vergonha → vergonhoso, envergonhado) são considerados para definir os enunciados de emoção. A consideração dos derivados se sustenta na concepção de que não é necessário, no estudo do discurso, construir categorias linguísticas que dêem respostas precisas sobre as categorias de emoção. A definição do que seja um

termo de emoção não se sustenta somente na consideração de elementos linguísticos já reconhecidos como pertencentes ao campo semântico das emoções, porque há situações em que se pode definir um enunciado de emoção a partir do seu funcionamento discursivo, o que pode fazer com que um léxico, embora não classificado semanticamente como de emoção, seja a base para a definição de um enunciado de emoção, porque carregado de sentidos afetivos ou porque visa provocar/atribuir esses sentidos no outro. E não se trata de um tipo de análise que transforma a linguagem num domínio puro e simples da subjetividade, mas, sim, da consideração de determinados aspectos discursivos que permitem afirmar que um recurso linguístico específico, dependendo dos objetivos do discurso e das circunstâncias em que é usado, pode produzir efeitos de emoção.

Ainda sobre a organização dos enunciados, a mudança do sujeito das emoções muda também o estatuto estrutural do enunciado. Na afirmação “ela é uma pessoa que provoca tristeza”, “ela” é posta como a fonte geradora da emoção, o locutor e, por empatia, o interlocutor são os sujeitos do sentimento. Essa noção explica as atribuições indiretas de emoção, feitas cotidianamente como no caso do enunciado "*Ele ficou verme::lho professora*". O termo de emoção remete à leitura que o locutor faz das ações do interlocutor. A estruturação dos termos e enunciados de emoção obedece aos direcionamentos e objetivos do discurso. Sua organização linguística põe o enunciador no lugar de avaliador, pois trabalhando com o que lhe é dado pelo campo do visível e pelo que é enunciado pelo seu outro, organiza o discurso envolvendo recursos verbais e extra verbais. Tal organização pode indicar solidariedade pela assunção da posição de empatia ou pode indicar rejeição, esta marcada, por exemplo, pela ironia. Por meio do trabalho com o linguístico, os sujeitos se recolocam, excluem e incluem a si próprios e ao interlocutor no jogo interlocutivo. A seleção de um elemento linguístico e não de outro aponta para um trabalho não aleatório; ao contrário, o resultado das percepções avaliativo-afetivas, direcionadas ao objeto e/ou ao outro sujeito.

A localização dos enunciados com base em termos ou palavras pertencentes ou não ao universo semântico das emoções, não implicará na afirmação de que, ao descrever uma emoção, o sujeito esteja emocionado ou a outra concepção segundo a qual o discurso produz efeitos de sentidos emotivos. Tendo por referência o que diz Ducrot (1984) sobre a orientação argumentativa, a orientação dos sentidos afetivos de um termo ou palavra pode mudar, quer seja para não produzir efeitos de emoção ou para produzir, de acordo com as orientações e objetivos do discurso. Essa flexibilidade leva Plantin (2003) a propor que também existem os termos indiretos de emoção, derivados de enunciados que não comportam palavras que remetam diretamente ao campo semântico das emoções, mas que são suscetíveis de provocar e/ou conotar efeitos afetivos. Isso ocorre, sobretudo, quando se conhece a situação enunciativa, pois é o tema que define o caráter afetivo ou não.

A língua constitutiva do discurso de emoção é uma sistematização aberta porque os sentidos são constituídos ou negociados entre interlocutores. Assim, o pressuposto assumido neste estudo é o de que o discurso de emoção tem por base um tipo de agenciamento de recursos linguísticos que pode ser considerado como “ações do sujeito sobre a linguagem”. Os critérios que permitem a classificação dos enunciados de emoção diretos e indiretos apontam para o trabalho do sujeito sempre visando o seu interlocutor. Esse trabalho é responsável por deslocamentos nos sistemas de referências da língua, produzindo com isso certa novidade não só em termos de sentidos afetivos como também em referência ao uso dos termos linguísticos. Os deslocamentos são fundamentais para compreender os sentidos do discurso e, sobretudo, a relação sujeito e discurso de emoção (GERALDI, 1991).

Considerações finais

Os problemas assinalados estão ligados, por um lado, aos extremos criados pelas correntes teóricas que tratam a questão das afetividades como pertencente exclusivamente ao mundo do sujeito ou

da língua e, por outro, a persistência histórica de assentar as afetividades como o desvio, o acessório e o contingente. Sobre as primeiras posições, pode-se argumentar que os sentidos afetivos não se constroem somente pelo extraverbal, porque isso seria ignorar a existência do léxico usado para referir às experiências emotivas e, principalmente, encerrar os sentidos afetivos no imenso universo das subjetividades individualizadas. Sabemos que o ato de nomear uma emoção pode ser uma simples estratégia para manipular. As declarações de amor nos dias atuais nem sempre remetem à emoção nomeada. Segundo Parret (1986), o termo transformou-se num slogan. Porém, dada a finitude dos termos ligados a esse campo semântico, a mesma palavra “amor” ainda continua sendo necessária para quem quer fazer uma declaração ao ser amado. De tudo isso, é possível afirmar que, mesmo nas posições que assumem que esse elemento é incontornável no tratamento das questões da linguagem, as interpretações apresentam, para além das diferenças de superfície, semelhanças. Não se livram da visão negativa de que as emoções precisam ter a sua inscrição e relevância submetidas a certos tipos de controle.

Pelas sequências analisadas, vimos que, por meio do trabalho com o linguístico, os sujeitos recolocam, excluem e incluem a si próprios e ao interlocutor no jogo interlocutivo. A seleção de um elemento linguístico e não de outro aponta para um trabalho não aleatório; ao contrário, é o resultado das percepções avaliativo-afetivas, direcionadas ao objeto e/ou ao outro sujeito. A localização dos enunciados com base em termos ou palavras pertencentes ou não ao universo semântico das emoções também não implicará na afirmação de que, ao descrever uma emoção, o sujeito esteja emocionado ou a outra concepção segundo a qual o discurso produz efeitos de sentidos emotivos. Tendo por referência o que diz Ducrot (1984) sobre a orientação argumentativa, a orientação dos sentidos afetivos de um termo ou palavra ou do todo discursivo pode mudar, quer seja para não produzir efeitos de emoção ou para produzi-los de acordo com as orientações e objetivos do discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOSSY, R. **L'argumentation dans le discours**. Paris: Armand Colin, 2006.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995. Edição original: 1929.

BAKHTIN, M. **Pour une philosophie de l'acte**. Paris: Editions l'age d'homme, 2003.

ANSCOMBRE, J. C. Temps, aspect et agentivité, dans le domaine des adjectifs psychologiques. **Lidil**, Grenoble, n. 32, p. 145-165, 2005.

ANSCOMBRE, J. C. Morfologie et représentation événementielle: le cas des noms de sentiments et d'attitude. **Langue française**, Paris, n. 105, p. 40-45, 1995.

CHARAUDEAU, P. Une problématisation discursive de l'émotion: à propos des effets de pathémisation à la télévision. In: PLANTIN, C.; DOURY, M.; **Les Émotions dans les interactions**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2000. p. 125-155.

DUCROT, O. **Le dire et le dit**. Paris: Editions Minuit, 1984.

EGGS, E. Logos, ethos, pathos: l'actualité de la rhétorique dès passions chez Aristote. In: PLANTIN, C.; DOURY, M. **Les Émotions dans les interactions**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2000. p. 15-31.

ENGELMANN, A. **Os estados subjetivos: uma tentativa de classificação de seus relatos verbais**. São Paulo: Ática, 1978.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GINZBURG, C. **Mitos emblemas sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

KANT, I. **Critique de la raison pratique**. Paris: Flammarion, 2003.

PARRET, H. **Les passions: essai sur la mise em discours de la subjectivité**. Bruxelles: Mardaga, 1986.

PLANTIN, C. Sans démonstrer ni (s)émouvoir. In: **Perelman: le renouveau de la rhétorique**. Paris: PUF, 2004. p. 65-80.

PLANTIN, C. Structures verbales de l'émotion parlée et de la parole émue. In: _____. **Les émotions: cognition, langage et développement**. Paris: Mardaga, 2003, p. 97-105.

PLANTIN, C. 1995. La genèse discursive de l'intensité. Le cas du 'si'intensif'. **Langage**. Paris, n. 80 p. 35-53, 1995.

RIME, B. **Le partage social des émotions**. Paris: PUF, 2005.

WIERZBICKA, A. **Semantics. Primes and Universals**. Oxford: Oxford Univ. Press, 1999.

Recebido em 16/09/2007.

Aprovado em 30/11/2007.

SOBRE A AUTORA

Marinalva Vieira BARBOSA é Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, com Estágio no Laboratório ICAR (Interactions, Corpus, Apprentissages, Représentations), ligado à Université Lyon 2 e a École Normale Supérieure de Sciences Humaines et Lettres de Lyon – LENS LSH. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem - GPPL – UNICAMP. Tem experiência na área de Linguística e Ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: análise do discurso, escrita, leitura e metodologia do ensino da língua portuguesa.

E-mail: marinalvav@gmail.com